

ÀSÉ NÊGO VELHO

Denise Zenicola (UNESA)

GT:Estudos da Performance

Palavras-chave: dança, ritual, performance

Se a Globalização transforma o mundo em aldeia, inversamente, cria interessantes práticas de resgate e manutenção do saber. Os bens culturais sobrevivem graças aos que preservam sua identidade cultural, na prática de seus valores. Por maior que seja a exposição e invasão, assistimos a reapropriações e resgates culturais promovidos em antagonismo à hiperexposição. Práticas semelhantes acontecem no campo da dança, no Brasil, já há algum tempo.

Sabemos que o primeiro e significativo passo dado nesse sentido foi o de Mário de Andrade, quando, nos anos 30, circulou pelo Brasil, captando o que veio nomear “Danças Dramáticas”. Ao registrar danças, abriu campo para se pensar os elementos da cultura brasileira. As culturas nacionais, então, eram pensadas ainda pelo viés do exótico e folclórico. As danças traduzidas no palco traziam traços dos referentes tradicionais de identidade.

No momento atual, em que percebemos a interculturalidade e as teorias antropológicas de “contato cultural” deixam de ser o foco, por pensar em parâmetros meramente antagônicos entre os grupos; o olhar muda. Deve-se entender a relação entre culturas como diverso cultural e não diferente e pensar processos de aproximação entre áreas.

Nesse sentido, tenho iniciada uma pesquisa/performance na qual trabalho dança contemporânea com dança de Orixás, dialogando com bens simbólicos. Nessa pesquisa/performance/dança, trabalhamos com quatro padrões do feminino, as Iabás que são Orixás femininos do Candomblé, e que nesta ordem se apresentam: Iemanjá, a protetora e maternal; Oxum, a sensual e envolvente; Iansã, a energética e inconstante; Oba, a que mesmo machucada sabe lutar.

A dança desenvolvida recai sobre o mito da *Iya-Mi-Agbá*.

O culto *Gelede* das *Iya-Mi-Agbá*, também chamadas *Iyami*, simboliza formas coletivas do poder ancestral feminino, apresentado em seu duplo aspecto: protetor e generoso/perigoso e destrutivo. O poderio das *Iyami*, principalmente atribuído às mulheres já velhas, e que pode pertencer igualmente a jovens que o recebem por herança ou o adquirem das mais velhas, está ligado à concepção africana de que a sabedoria só vem com a idade, com a experiência de vida. No entanto, qualquer mulher pode conseguir esse poder, voluntariamente

ou sem que o saiba, após um trabalho feito por uma *Iyami*. Na sociedade ioruba, a mulher, de acordo com essas características, possui em si todas as qualidades e poderes de uma *Iyami*.

Para tal, a performance apresenta quatro performers, em momentos do feminino. Mulheres de 20, 30, e 40 anos apresentam-se em trajes sumários, expondo a beleza da feminilidade. A performance desenvolvida também representa o jogo de poder que luta pelo controle da comunidade e podem manipular, através da magia, o nascimento e a morte. Representa o próprio poder criador. É a ordem natural, o ciclo de vida e morte que é a síntese do poder feminino. Cumpre a função de moderador social, visando também, apaziguar e reverenciar as Mães Ancestrais para assegurar o equilíbrio do mundo. Estão representados, ainda na performance, aspectos de crueldade, vingança, ira, controle e perseguição, que aparecem como sinais do poder das *Iyami*, ao mesmo tempo em que doação, fecundação, proteção, dão a imagem da maternidade, numa visão carinhosa e vital.

Em várias épocas de sua existência, as mulheres vivem diferentes aspectos desse poder feminino, como parte de sua função social, cultural e espiritual. O poder feminino, em seu duplo aspecto – criador e destruidor –, é a síntese da vida, fornecendo o axé necessário à continuação da vida na Terra. Não é possível controlar o poder das *Iá Mi Oxorongá*. Esse poder não existe para ser controlado. É preciso que ele flua livremente no mundo, para melhor cumprir seu papel nutridor.

Essa prática performática apóia-se, como conseqüência natural, na pesquisa de mestrado *Dança das Iabás: performance e ritual*, cuja dissertação defendi em 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Zeca Ligiéro. Estamos aprofundando conceitos desses Orixás e a pergunta é: *Que tipo de dança queremos que nasça dessa performance?*

O movimento tem que ser, ao invés de parecer. No entanto, percebemos a impossibilidade de querer ser um ritual. A busca é para manter o *ÀSÉ*, que significa, em Iorubá, grande porta e energia pura. A performance apresenta um campo de força intermediário entre padrões de dança contemporânea e dança dos terreiros. Trabalhamos o essencial quanto aos padrões e interconexões de relações em ações físicas, na estética afro-brasileira: pés enraizados, joelhos quase sempre flexionados, sentido ritualizado, o quadril solto em articulações variadas e, o principal, o movimento que nasce do tronco e expande para todo o corpo.

Os campos se abrem e criam um terceiro, entre um e outro. As possibilidades são infinitas – afinal, em nossos corpos estão inscrito as regras e valores. A cultura é a síntese que vem sendo elaborada há muito. Com o maior interesse na cultura brasileira, acredito ser hora de mergulhar em nossas expressões simbólicas. Afinal, somos sujeito-histórico cultural.

A discussão/prática é iniciada. Nesse mundo midiático, alucinantemente espetacular e fugaz, é preciso não perder o foco. Tenho convicção de que meu fazer não é

exótico – sei que temos **religião** e não mera superstição; sei que temos **cultura** e não simples tradição; e, principalmente, sei que temos **arte** e não inocente folclore.

Os limites da performance, não os vejo. Implicações, comprometermos, hibridizações, fundamentam, dão nexos e nos explicam...

e quem quiser performar nossa cultura

seja bem vindo.

ÀSÉ NÊGO VELHO